

Nóvoa

O professor, sua formação e a práxis¹

Blasius Silvano Debald²
Diogo Rovaris³

INTRODUÇÃO

Este relato contempla as reflexões tecidas pelo educador português, Antonio Nóvoa, no I Congresso Internacional de Educação, realizado na Faculdade União das Américas – UNIAMÉRICA, em Foz do Iguaçu – Paraná, em Outubro de 2006. Na oportunidade, Nóvoa estruturou sua reflexão em três momentos, nos quais fez menção a três dilemas, a um paradoxo e por último os três desafios para a formação de professores.

O relato constitui-se nas principais idéias abordadas, acrescidas de comentários de outros autores. Procurou-se, neste texto, ser fiel às reflexões tecidas pelo educador português, pois sintetizam o seu pensamento sobre a temática. É, portanto, um registro, sem a pretensão de contemplar toda a conferência, pois a riqueza das análises e a sutileza das palavras não podem ser transcritas, uma vez que são únicas e marca registrada de Antonio Nóvoa.

¹ Conferência de Abertura do I Congresso Internacional de Educação. Foz do Iguaçu, 9 a 11 de outubro de 2006.

² Mestre em Desenvolvimento Regional – Área Sócio-cultural (UNISC/RS), professor do curso de História da Faculdade União das Américas – UNIAMÉRICA. E-mail: blasius@uniamerica.br

³ Monitor do Laboratório Pedagógico das Licenciaturas e acadêmico do curso de Educação Física da Faculdade União das Américas – Uniamérica.

1. UM PARADOXO, TRÊS DILEMAS E OS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O *primeiro dilema* apresentado é clássico da Pedagogia, ou seja, a escola está centrada no aluno ou a escola centrada na aprendizagem? Segundo o educador português, a escola é transbordante, preocupada com lições, esquecendo-se do foco central do trabalho escolar que é a aprendizagem do aluno. Durante muito tempo a Pedagogia tradicional era centrada nos conhecimentos e em idéias que defendiam a transmissão do conhecimento.

Para a Pedagogia moderna, a qual defende a igualdade entre os seres, centrada no aluno, que por sua vez deve estar no centro das atenções, é um orientador das atividades escolares. NÓVOA defende que se deve centrar a prática docente em atividades, mas com um olhar essencialmente no aluno. É favorável à manutenção de elementos da Pedagogia tradicional centrada no conhecimento, mas defende princípios da Pedagogia moderna centrada no aluno.

Aqui se introduz a reflexão de Bezerra (2005) que defende um currículo e uma educação a partir de padrões mais atualizados, por meio da problematização dos temas, no qual o aluno é envolvido como sujeito participativo e atuante. Neste sentido, “as atividades constituem o cerne do trabalho pedagógico apresentado, pensando sempre do ponto de vista da construção de um conhecimento escolar significativo” (BEZERRA, 2005, p. 41).

A escola da contemporaneidade é aquela em que não há aprendizagem sem conhecimento. É a escola que vive no linear das grandes descobertas da ciência e incorpora os avanços tecnológicos, tornando a arte de ensinar um processo de aprender de modo diferente, sem um patamar comum. Aceita e trabalha com a possibilidade da diferença, mas sem excluir, sem separar.

A escola não deve ter como missão primordial a seleção e a exclusão, vendo o aluno como um produto no estoque. Ora se o

professor refletisse sobre a realidade do ensino, o percentual de reprovações não seria tão gritante, demonstrando a fragilidade da organização educacional, cuja transformação está longe de se concretizar.

Uma escola centrada na aprendizagem é aquela que consegue diferenciar os conteúdos escolares, ou seja, não é uniforme e nem tem um patamar comum dos conhecimentos. O professor sozinho não conseguirá influenciar a Pedagogia, mas se souber utilizar os recursos adequadamente, propondo atividades diversificadas dentro da sala de aula, estará dinamizando o processo educativo. E, por último, uma escola centrada na aprendizagem é uma escola que ensina a estudar, saber e que tem como finalidade o aprender.

A educação brasileira tem forte traço transmissivo, característico dos países do sul da Europa. Este modelo contraria a dos países do norte da Europa, onde a prática está centrada no estudo e no trabalho. A escola centrada na aprendizagem perdura ao longo da vida.

O *segundo dilema* partiu de um questionamento: Escola como comunidade ou escola como sociedade? A tese defendida por Nóvoa é a de uma escola como sociedade. Contudo, é favorável à idéia de que as comunidades locais devem ter um papel importante na educação.

A escola deve colocar as crianças em contato com o patrimônio da humanidade, com o desenvolvimento de trabalhos culturais e científicos, respeitando as culturas e origens das crianças, mas não as fechando dentro dessas culturas originais, ou de uma linha em que o professor pode educar. Para Nóvoa (2006) educar é sempre oportunizar que o ser humano possa ser amanhã uma coisa diferente do que é hoje, e não somente amanhã, uma coisa diferente do que é hoje. Se estiver disposto, apropriando-se de um conjunto de conhecimentos, de culturas e não apenas os conhecimentos e as culturas do grupo, da etnia, da comunidade em que vive, estará oportunizando o aprender (NÓVOA, 2006, p. 11).

É por isso que este dilema a favor da escola como sociedade é um tanto complexo e estranho para a cultura brasileira, na qual a cidadania é marcada pelo aspecto relacional⁴. Para entender a defesa da escola como sociedade, Nóvoa afirmou que é preciso que as crianças se sintam suficientemente semelhantes, estar no patamar comum ou estar na cultura que vou lhes falar, suficientemente capazes de falar umas com as outras e ao mesmo tempo suficientemente de frente para terem qualquer coisa a dizerem umas das outras. E eu julgo que deste princípio, do suficientemente semelhante e do suficientemente de frente é reflexo de uma escola que é assumida como sociedade e não como comunidade (NÓVOA, 2006. p. 11/12).

O educador português continuou sua problematização defendendo que a comunidade se estrutura sobre ciências comuns respeitáveis, sobre culturas comuns respeitáveis, são afetos, são laços respeitáveis, são laços civilizados, são um conjunto de valores extremamente importantes na sociedade em que vivemos hoje.

Mas o que se observa nas escolas não é nada disso. O que se vê nas escolas não são os laços de sangue, nem os laços de santidade, nem estruturas, nem mesmo se são da mesma cultura, se são baixos ou altos, se somos magros ou gordos, negros ou amarelos. O que nos une numa escola é o projeto de sociedade. O que nos liga numa escola é que ela é o lugar onde se aprende as regras de viver em sociedade e os professores não devem nunca esquecer disso. E é por isso talvez que peço desculpas a vocês colegas, e é por isso talvez que uma das coisas mais surpreendentes em nível de Europa e em muitos outros cursos em que se ouve sobre a educação no Brasil a idéia é que é preciso amar as crianças (NÓVOA, 2006, p. 13).

Segundo NÓVOA (2006), é melhor amar as crianças do que não amá-las. É bom que os professores gostem das crianças, das pessoas com quem trabalham, mas esse não é o primeiro

⁴ Maiores informações, consultar DAMATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania e morte no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

projeto dentro da escola. O primeiro projeto é demonstrar que todos têm direito a uma aprendizagem escolar. O primeiro objetivo é um projeto de sociedade e não um projeto de comunidade. Se a escola fosse um projeto de comunidade, provavelmente entraria o aspecto onde o amor seria a primeira prioridade, mas a escola tem um projeto político, um projeto pedagógico. É um projeto de sociedade e importante firmar que é um projeto de sociedade para o século XXI.

O *terceiro e último dilema* abordado pelo educador português foi o de pensar uma escola como serviço ou escola como Instituição. A escola deve servir o público e receber o público da melhor forma possível, contudo deve estar a serviço de um determinado aluno, não como uma mercadoria, mas como um ser integral, com múltiplos processos de aprender e viver. A escola é uma instituição da sociedade que institui funções.

A principal função da escola no século XXI é ser uma instituição. Esta afirmação reforça que a escola continua a ter um papel importante no século XXI, e neste sentido, a triologia dos três dilemas foi resolvida favorável à aprendizagem, à sociedade e à instituição. Os grandes desafios da profissionalização docente vão estar centrados nas próximas décadas em torno destas três dimensões. Esta espécie de tripé é que vai reorganizar e redefinir o trabalho dos professores das próximas décadas, através de uma educação na qual o aluno e a orientação ao trabalho docente seja no sentido de uma escola inclusiva.

As sociedades do conhecimento do século XXI têm por definição e como eixo central da inclusão a questão do conhecimento. E por isso a pior forma de discriminação feita às crianças é a de exclusão social, permitindo o recinto das escolas sem o tal patamar comum do conhecimento. É deixar a escola sem que ela tenha um conjunto de aprendizagens. Demonstra o pior serviço que é oferecido às crianças, principalmente as mais pobres, às mais humildes ou mais desfavorecidas.

Em relação aos *três desafios* para a formação dos professores formulou três questões desafiadoras: Qual é o lugar da formação do professor? Qual é o processo mais atual para se formar professores? E qual é o modo mais coerente de se formar estes professores?

O lugar da formação de professores, por excelência, nas palavras de Nóvoa, é a escola. A formação de professores se faz na escola, a partir de reflexões sobre as práticas e sobre o próprio trabalho do professor. A idéia da escola como um espaço para aprender, organizada também para a aprendizagem do professor e não apenas do aluno.

Na vida alguns cursos são importantes. Os cursos de formação inicial são importantíssimos, mas, no final das contas, o essencial é ter capacidade de organizar as escolas de maneira que sejam também um lugar de formação. Não há outra maneira de formar professores qualificados a não ser em grupos de estudantes, no ambiente da escola e no ambiente de trabalho com os colegas, contribuindo para sua evolução e desenvolvimento profissional.

O momento mais decisivo na vida e na carreira profissional de um professor é a chamada fase de transição entre a formação inicial e a profissão. O que contribui de forma negativa para a profissionalidade, segundo Nóvoa, é colocar os jovens professores nas piores escolas, com as piores turmas, com os piores horários, com os cursos mais problemáticos e mais difíceis, sem lhes dar qualquer apoio.

Os colegas mais experientes não têm qualquer missão na formação e enquadramento desses professores. As universidades, muitas vezes, livram-se desta tarefa, mas nas entidades públicas é muito difícil fugir deste contexto. Comete-se um pecado capital com a profissão dos professores mais jovens, pois são obrigados a sobreviver e viver numa fase da autêntica sobrevivência nos primeiros anos de exercício profissional (NÓVOA, 2006, p. 15).

Conforme o educador português, a única maneira de sobreviver é criando uma espécie de defesa, uma espécie de carapaça que acentua as didáticas individualistas da profissão do ser e que impede que, mais tarde, portas futuras de colaboração ao corpo docente se abram. É preciso olhar com muito cuidado para a questão dos jovens professores e para o aprendizado do exercício profissional se quisermos uma escola aprendendo e que desenvolva a curiosidade no ser (NÓVOA, 2006, p. 16).

Apesar da preocupação com a formação continuada dos jovens professores, estes vivem num dilema que, em muitos casos, contribui para a distância da profissão, principalmente nos primeiros anos. O dilema é marcado pela formação recebida na graduação, um tanto idealizada e o período inicial da profissionalidade, frustrada, pois a inexperiência e a falta de habilidades didático-metodológicas transformam as aulas em espaço de reprodução, ao invés de aprendizagem.

Talvez seja este o maior desafio dos cursos de formação de professores e das reflexões sobre a profissionalidade, pois se está distante de ter uma educação prazerosa e participativa no âmbito da sociedade.

CONCLUSÃO

Antonio Nóvoa em sua conferência trouxe elementos que reafirmam a necessidade de uma educação contextualizada e participativa, na qual o aluno é o sujeito da aprendizagem. Apresentou os dilemas e os desafios para a formação de professores, sem se omitir e transferir responsabilidades. Destacou o olhar especial que a universidade deve ter com os cursos de formação de professores, pois são estes os pilares da educação de um país.

Finalmente, um projeto de educação transformadora só se concretiza com investimento na formação dos professores e com aprendizagens centradas em atividades, construídas a partir da

realidade concreta de uma sociedade, na qual o aluno está inserido. E esta inserção não é passiva, mas ativa, participativa e construtiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, H. G. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula:** conceitos, práticas e propostas. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

DMATTA, R. **A casa e a rua:** espaço, cidadania e morte no Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

NÓVOA, Antonio. O professor, sua formação e a práxis. In: **I Congresso Internacional de Educação.** Foz do Iguaçu-PR, Faculdade União das Américas, 09 a 11 de outubro de 2006.